



Fonte: MACHADO, Mônica S., ALVES, Camila G., AZEVEDO, PINTO, Henrique P. A Baixada Fluminense da Década de 1950, vista a partir da obra de Pedro Geiger. Anais do Encontro Nacional de Geógrafos, Belo Horizonte, 2012, p. 1-12.

Título: A BAIXADA FLUMINENSE DA DÉCADA DE 1950, VISTA A PARTIR DA OBRA DE PEDRO GEIGER

Mônica Sampaio Machado¹

monicasampaio@oi.com.br

Camila Gomes Alves²

camilagomes_alves@yahoo.com.br

Henrique Garcia Pinto³

geo.henrique@hotmail.com

O trabalho ora proposto apresenta alguns resultados de pesquisa produzidos pelo GeoBrasil, Grupo de Pesquisa Geografia Brasileira: História e Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), através do projeto *Dicionário dos Geógrafos Brasileiros, 1890-1990*.⁴ Como objetivo central, este artigo procura discutir a contribuição de um grande geógrafo brasileiro Pedro Pinchas Geiger, através da análise da produção intelectual do autor publicada durante a década de 1950 na Revista Brasileira de Geografia (RBG), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Durante os anos 50 foram publicados pelo autor na RBG quatro artigos. Um em coautoria com a geógrafa Ruth Lyra dos Santos, em 1954, e os outros três sem dividir coautoria, o primeiro em 1951 e os outros dois em 1956. O primeiro artigo publicado em 1951, denominado “*Alguns problemas geográficos na Região entre Teófico Otôni (Minas Gerais) e Colatina (Espírito Santo)*” apresenta alguns problemas geográficos de finais dos anos 40 no vale do Rio Doce, região compreendida entre Governador Valadares e Colatina, assim como destaca a influência das condições físicas e da estrutura social nas diversas atividades de produção.

O segundo artigo, publicado em 1954, “*Notas sobre a evolução da ocupação humana na Baixada Fluminense*”, com Ruth Santos, apresenta observações sobre os aspectos da formação das paisagens da Baixada Fluminense, principalmente aqueles vinculados aos fenômenos de concentração capitalista, à industrialização e à urbanização, característicos do pós Segunda Guerra. Destaque é dado às atividades industriais e urbanas em

¹ Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Jovens Cientista do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), bolsista produtividade CNPq 2.

² Bolsista iniciação científica PIBIC/UERJ.

³ Bolsista iniciação científica PIBIC/CNPq.

⁴ O projeto de pesquisa *Dicionário dos Geógrafos Brasileiros* conta com apoio da UERJ, da Fundação de FAPERJ e do CNPq.



detrimento às agrícolas, demonstrando a estreita associação entre a industrialização e crescimento das cidades e da população urbana.

Em 1956, no terceiro artigo publicado, *“A região setentrional da Baixada Fluminense”*, Geiger estuda as várias zonas econômicas da região norte da Baixada Fluminense, área que corresponde hoje à região norte fluminense e parte da região noroeste do estado, associando-as ao clima, vegetação, fatos históricos, econômicos e sociais em uma então importante zona açucareira. No último artigo, publicado em 1956, *“Urbanização e industrialização na Orla Oriental da Baía de Guanabara”*, são apresentadas as transformações das áreas então rurais na região Niterói-São Gonçalo sofridas pelo processo de urbanização e industrialização devido à proximidade da grande cidade, Rio de Janeiro.

Dos quatro artigos mencionados, este trabalho irá se limitar a apresentar e discutir dois, o segundo, publicado em coautoria, em 1954, *“Notas sobre a Evolução da Ocupação Humana na Baixada Fluminense”*, e o último, *“Urbanização e Industrialização na Orla Oriental da Baía de Guanabara”*, 1956. A opção por esses artigos se deve não apenas em função da riqueza de informações sobre o processo de ocupação e transformação da Baixada Fluminense que oferecem, como também pela inovadora metodologia de estudo que apresentam para o período, acentuando a economia política como fator fundamental para a transformação do espaço geográfico.

Este trabalho está organizado em duas partes. A primeira oferece considerações sobre o autor, vida e obra, associando sua trajetória espacial e seu pensamento. A segunda apresenta e debate os dois artigos citados.

PEDRO PINCHAS GEIGER: CONSIDERAÇÕES BIOGRÁFICAS⁵

Pedro Pinchas Geiger nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 18 de fevereiro de 1923⁶ e seus pais eram imigrantes nascidos na Palestina, no Oriente Médio, sendo a família materna de origem austríaca. Todas as questões que sua família já havia vivido em relação a questões como território, nacionalismos e espaço geográfico suscitaram em Pedro Geiger um interesse especial por Geografia e História. Aos dez anos de idade, ingressou no Colégio Pedro II, de onde saiu aos 16, em 1939, e de onde adquiriu sua formação política de

⁵ A maior parte das informações biográficas aqui apresentadas foi retirada da entrevista concedida por Pedro Geiger à Monica Machado, disponível em sua tese de doutorado, defendida na USP, em 2012, sob orientação do professor André Roberto Martin, A Geografia Universitária Carioca e o Campo Científico-Disciplinar da Geografia Brasileira.

⁶ Por motivações religiosas, o pai – israelita – de Pedro Geiger o registrou como nascido a 1º de março de 1923.



inspiração esquerdista, sob influência de alguns professores como José Oiticica⁷. Com pretensões de se tornar médico, porém sem condições financeiras para o custeio do curso de medicina, ingressou na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, no curso de Geografia e História, para se licenciar como professor e, assim, poder custear os estudos de medicina⁸.

Contudo, durante seu curso de Geografia e História, foi convidado pelo geógrafo francês e professor da Universidade do Brasil, Francis Ruellan para trabalhar no recente Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 1942. O IBGE havia sido criado em 1936 e participavam dele nomes importantes para a Geografia Brasileira, como Orlando Valverde, Fábio de Macedo Soares Guimarães e Miguel Alves de Lima.

Após sua entrada no IBGE, Pedro Geiger participa de expedições de funcionários do IBGE para levantamento de dados e elaboração de mapas por todo o Brasil. Essas missões seriam de fundamental importância para as análises posteriores de Pedro Geiger acerca de temas como hierarquia urbana ao elaborar esboços de classificações utilizando essa experiência de campo aliada às idéias acadêmicas que aprendia.

Ainda na década de 40, Pedro Geiger graduou-se pela Universidade do Brasil e, durante a primeira divisão regional do Brasil feita pelo IBGE, Pedro Geiger fica responsável por fazer a divisão regional do estado de São Paulo e concentra seus estudos em análises regionais e Geografia Urbana. Em 1946, Pedro Geiger e outros geógrafos fizeram cursos de especialização na França. Na década de 50, é responsável por estudos de grande importância, como *Estudos Rurais na Baixada Fluminense*, com Miriam Mesquita. Durante a década de 1960, seus estudos urbanos em geral são reconhecidos como trabalhos de grande qualidade (ALMEIDA, 2004) quando publicou, em 1963, a obra *Evolução da Rede Urbana do Brasil*, além do artigo *Estudo para a Geografia das Indústrias no Sudeste do Brasil* no mesmo ano, na Revista Brasileira de Geografia, ambos os estudos pioneiros quanto à forma de abordagem.

Em 1964, Geiger publica na Revista Geográfica o artigo *Organização Regional do Brasil*, onde propõe uma nova metodologia de regionalização, assim sendo, abrangendo os aspectos histórico-econômicos e os novos vínculos entre os espaços do território brasileiro. Essa regionalização é ainda amplamente difundida por livros

⁷ José Rodrigues Leite e Oiticica (Oliveira/MG, 1882 – Rio de Janeiro/RJ, 1957) foi um filólogo, professor e militante anarquista autor de importantes obras tanto de filologia portuguesa, quanto de política anarquista. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jose_oiticica, acesso em: 30 de maio de 2012.

⁸ Nessa época, após concluírem o ginásio, os alunos que desejassem seguir seus estudos deveriam fazer cursos complementares em algumas das três áreas que desejassem seguir: Ciências exatas, ciências humanas ou ciências biológicas. Assim, Pedro Geiger viveu um período em que frequentava a Faculdade de Filosofia e o curso complementar de ciências biológicas simultaneamente.



didáticos de Geografia em escolas de todo o Brasil, sendo, inclusive, explorada por vestibulares de acesso a diversas universidades brasileiras.

Em 1969, participou do programa de pós-graduação da Columbia University, nos Estados Unidos, como professor visitante. Pedro Geiger também lecionou na University of Toronto (1973) e Université de Paris I (1976). Aposentou-se do IBGE em 1984, aos 65 anos, com uma vasta produção acadêmica, e tendo ocupado importantes cargos que foram fundamentais para o crescimento e sucesso do Instituto.

Ocupou o cargo de professor visitante na University of Texas System, nos Estados Unidos, de 1984 até 1995. Tendo exercido atividades e desenvolvido pesquisas também na Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente, Pedro Pinchas Geiger é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), atuando na Linha de Pesquisa 1, Globalização, Políticas Públicas e Reestruturação Territorial.

NOTAS SOBRE A EVOLUÇÃO DA OCUPAÇÃO HUMANA NA BAIXADA FLUMINENSE, 1954

No artigo intitulado “Notas Sobre A Evolução Da Ocupação Humana Na Baixada Fluminense”, publicado no ano de 1954 na Revista Brasileira de Geografia, do IBGE, Pedro Geiger e Ruth Santos buscam relacionar as mudanças decorrentes da modernização nas estruturas econômicas das cidades - juntamente com a manutenção de estruturas arcaicas e rudimentares no campo – com a própria formação das paisagens da Baixada Fluminense da década de 1950. A região da Baixada Fluminense estabelecida pelos autores incluem os então municípios de Campos dos Goytacazes, Cabo Frio, Araruama, Niterói e São Gonçalo. Essa diferença para a região da Baixada Fluminense atual⁹ se deve à influência da filosofia positivista das escolas tradicionais de Geografia (ROCHA, 2007) onde ainda predominavam as regionalizações baseadas no quadro natural. Nesse caso, a diferença geomorfológica foi preponderante para a diferenciação da área de terras baixas localizada entre a Serra do Mar e o Oceano Atlântico. Nesse sentido, os estudos de Pedro Geiger contribuíram muito para uma nova regionalização, baseada nos processos espaciais derivados da ocupação econômica (ALMEIDA, 2008)

⁹ A Baixada Fluminense tratada atualmente é aquela estabelecida pela Secretaria de Desenvolvimento da Baixada e Região Metropolitana – SEDEBREM, contendo os municípios que compunham o recôncavo da Guanabara, à exceção de Itaboraí, São Gonçalo e Niterói, e à inclusão de Itaguaí e Paracambi. Extraído e adaptado da Biblioteca Virtual de Meio Ambiente da Baixada Fluminense <http://www.bvambientebf.uerj.br/arquivos/regioes.htm>, acesso em: 15/05/2012



O artigo foi organizado em quatro partes: I. A Baixada Fluminense como Base da Indústria Açucareira; II. A importância do Mercado Externo e o Desenvolvimento da Fruticultura; III. O Desenvolvimento Industrial e Urbano na Baixada Fluminense. Modificações nos Transportes; IV. A Manutenção da Velha Estrutura Agrária.

Na primeira parte os autores estabelecem a inter-relação entre a topografia de relevo suave e demais aspectos físicos da Baixada Fluminense com a expansão do cultivo da cana-de-açúcar, principal produto brasileiro até o século XIX. Em seguida, os autores apresentam os impactos da economia cafeeira na Baixada Fluminense demonstrando que, com a ascensão do café na segunda metade do século XIX, que se tornaria então o principal produto de exportação, se percebeu a necessidade de utilizar processos industriais na economia canieira. Os autores elucidam, então, que aconteceu uma separação entre aqueles que não tinham condições de modernizarem sua produção, tornando-se somente “fornecedores”, e aqueles que detinham usinas e engenhos maiores, que já começavam a atuar no processo de concentração de capital. Os grandes fazendeiros da cana-de-açúcar financiavam a ida de seus filhos para as cidades, em busca de lucratividade em profissões liberais.

Os autores destacam que na cidade de Campos dos Goytacazes, parte setentrional da Baixada Fluminense, se situou o maior número de usinas da região. Com números extraídos de dados do Instituto do Açúcar e do Alcool¹⁰, apontam o crescimento da produção de cana-de-açúcar. Mencionam também que a difundida ideia de decadência da economia açucareira na Baixada Fluminense foi aceita porque muitos proprietários, que não resistiram à concorrência com os grandes fazendeiros, abandonaram certas áreas, redistribuindo geograficamente a ocupação.

Na segunda parte, Pedro Geiger e Ruth Santos destacam uma nova atividade agrícola desenvolvida em áreas outrora abandonadas pelo cultivo de açúcar: a fruticultura. Com a finalidade de abastecer as crescentes cidades, e ainda ao mercado externo, a fruticultura se apoiou em boas condições de clima e solo para o cultivo, especialmente, de laranja, banana e abacaxi.

Esta ocupação se deu especialmente ao redor da Baixada da Guanabara, onde as terras haviam sido loteadas, como forma de especulação, e vários pomares eram plantados, com destaque aos laranjais, de cultura permanente e de relativamente pouca mão-de-obra. A localização foi especialmente importante por estar bem

¹⁰ O Instituto do Açúcar e do Alcool, o IAA, foi criado em 1933 para regular o mercado e o consumo dos produtos da cana-de-açúcar. Os dados utilizados por Pedro Geiger e Ruth Santos no artigo foram extraídos de LAMEGO, Alberto – *O Homem e o Brejo*. Biblioteca Geográfica Brasileira, publicação nº1 da série-A – Livros, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1945.



próxima ao porto e à cidade, visto que o armazenamento e transporte desse tipo de produto precisam ser ágeis e bastante delicados.

Ainda que a atividade industrial estivesse em notório crescimento na Baixada Fluminense, e tendo influenciado no crescimento das urbes, o que obrigou as áreas fruticultoras a se moverem para leste, em municípios como Itaboraí e Maricá, os autores mais uma vez trazem à luz a renovação da paisagem rural com novos tipos de culturas, propondo uma dúvida quanto ao fato ter existido uma decadência da região da Baixada Fluminense.

Com a terceira parte do artigo, é observado o desenvolvimento industrial da Baixada Fluminense, em especial nos municípios da Baixada da Guanabara, como Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São Gonçalo, que se situavam próximas ao Rio de Janeiro – então Distrito Federal. Já existiam pequenas indústrias que se aproveitavam das matérias-primas locais, como as olarias que utilizavam as “tabatingas” dos vales da Baixada¹¹. Em menor escala, essa concentração industrial também se desenvolvia na cidade de Campos, com as usinas da economia açucareira.

Vale mencionar a forma inovadora de estudo desenvolvida pelos autores, principalmente quando já em inícios da década de 50 correlacionam os processos industriais às transformações espaciais. A contribuição inovadora dos autores se faz destacar também pela correlação estabelecida entre a industrialização, urbanização e modernização dos transportes e comunicação, indicando sua respectiva tendência à concentração nas cidades. Com a indústria se desenvolvendo e gerando cada vez mais riquezas, a população urbana também cresceu. Os transportes mais eficientes promoveram um movimento migratório diário, mas em distâncias relativamente grandes, ou seja, um movimento pendular de ida e volta do trabalho em um mesmo dia. Assim, na década de 50, os autores já chamavam a atenção para o aparecimento de “cidades-dormitórios”, centros residenciais e industriais simultaneamente, na periferia do Distrito Federal.

Por sua vez, esse crescimento espacial das cidades favoreceu a lucratividade da atividade de loteamento nos espaços vazios entre o Distrito Federal e sua periferia. Pedro Geiger e Ruth Santos anteviam uma futura conurbação entre Rio de Janeiro, Duque de Caxias, São João de Meriti e Olinda (atual Nilópolis), assim como já

¹¹ Para um maior aprofundamento sobre essas indústrias mais antigas, em especial as olarias, se recomenda o artigo contemporâneo aos tratados nesse: CAMPOS, Maria da Gloria de Carvalho. *Causas geográficas do desenvolvimento das olarias na Baixada da Guanabara*. Revista Brasileira de Geografia, ano XVII, nº 2. 1955



existia entre São Gonçalo e Niterói. Os autores destacam ainda o loteamento em áreas relacionadas ao turismo de veraneio, em espaços possuidores de amenidades, como lagoas e praias marítimas.

Os autores esclarecem, assim, que as transformações econômicas e no sistema de transportes levaram a uma grande diferenciação das cidades da Baixada Fluminense, não sendo possível falar em decadência dessa região, quando se percebia um crescimento tão notório das cidades e da metrópole.

Na quarta e última parte do artigo, Pedro Geiger e Ruth Santos focalizam as áreas rurais que, apesar de terem passado da modernização industrial na região, mantinham estruturas agrárias muito antigas, antiquadas. O município de Campos era concentrador de maquinário agrícola e tinha na sua economia açucareira a base seu desenvolvimento urbano-industrial.

Usando como fonte o Censo de 1940, os autores mostram o predomínio das grandes propriedades, muitas delas utilizadas para especulação fundiária. Chamam também atenção que a terra era o produto de maior valor em uma propriedade rural, e não suas máquinas, benfeitorias, etc. Caracterizando, assim, a forma arcaica de produção na região.

O regime de trabalho assalariado era raro nas propriedades agrícolas. Predominavam os chamados meeiros ou colonos, gerando uma mobilidade grande de trabalhadores rurais de uma fazenda para outra, não permitindo uma fixação na terra. O interesse maior dos proprietários era produzir para exportação, obtendo maiores lucros. Por outro lado, os trabalhadores não tinham interesse em investir nas terras, uma vez que não usufruiria do aumento de produção. Esse comportamento dos proprietários e trabalhadores acabou ampliando a mobilidade e a degradação do solo. Assim, tanto a concentração fundiária, que obrigou muitos trabalhadores rurais a migrarem para as cidades, quanto à despreocupação com a degradação do solo, pelo pouco capital investido na produção, gerou cada vez menos produtividade e intensificaram o desinteresse pela lavoura.

Pedro Geiger e Ruth Santos inferem que o processo de concentração de capital gerou contrastes na região da Baixada Fluminense. A desigualdade, fruto do processo capitalista que vivia o estado do Rio de Janeiro, estava cada vez mais nítida nas crescentes e dinâmicas áreas urbanas para com as áreas rurais. Contudo, as produções industriais e agrícolas sempre cresceram. Ainda que a agricultura tenha crescido muito menos, não se poderia caracterizar uma decadência por completo na região.

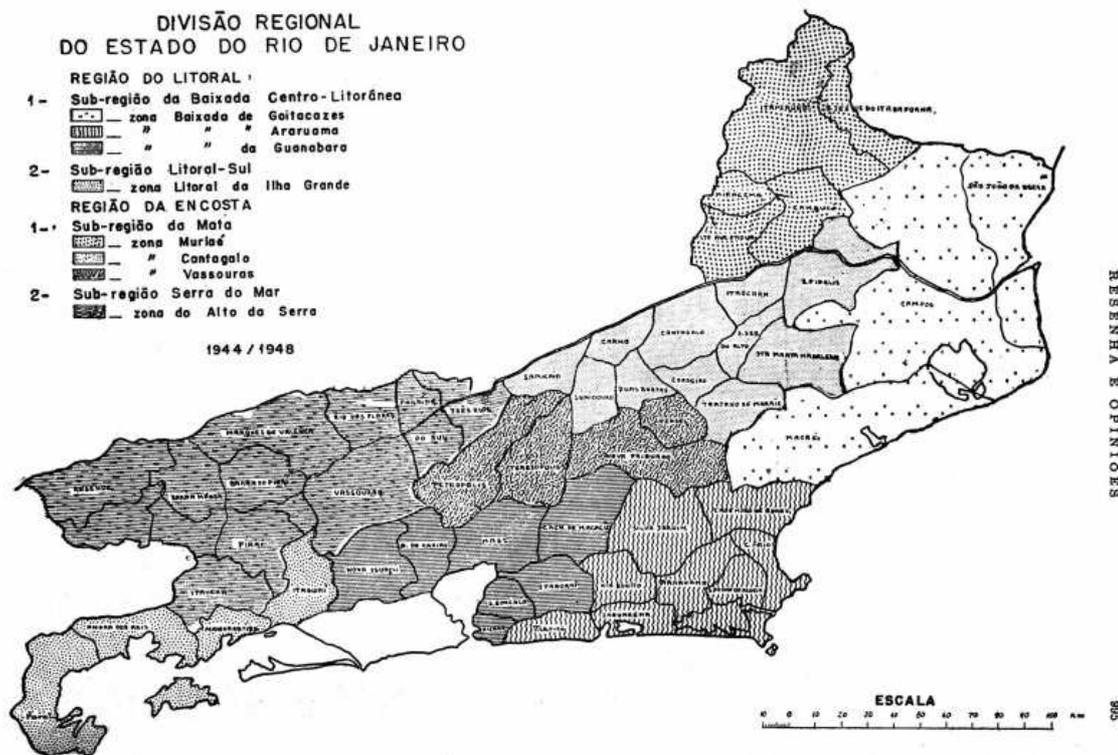


Figura 1: Regionalização feita por Nilo Bernardes, em 1949, onde foi assinalada a região do Litoral e sua sub-região de Baixada Centro-Litorânea, vista como Baixada Fluminense no artigo de Geiger e Santos.

URBANIZAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO NA ORLA ORIENTAL DA BAÍA DE GUANABARA, 1956

O artigo “Urbanização e Industrialização na Orla Oriental da Baía de Guanabara”, publicado em 1956, na Revista Brasileira de Geografia (RBG) busca analisar a urbanização e a industrialização de então áreas rurais localizadas próximas ao Rio de Janeiro na primeira metade do século XX, na região compreendida pelos municípios de Niterói e São Gonçalo. Localizada na orla oriental da baía de Guanabara, ou seja, em frente à cidade do Rio de Janeiro, esta região, que separada somente por um braço de mar da então capital da República, teve seu processo de urbanização e industrialização extremamente associado a vida política e econômica do Rio de Janeiro.

Para apresentar o processo de urbanização e industrialização da região, Pedro Geiger inicia o artigo apontando as características físicas da baía de Guanabara e sua localização, demonstrando o quanto era favorável à instalação de uma cidade. Em seguida apresenta fatores históricos da disputada pela posse desta



região entre os portugueses e franceses, desde 1560 e destaca o progresso e consolidação econômica da cidade do Rio de Janeiro, na margem ocidental da baía de Guanabara comparando com outras cidades do Brasil.

O autor ressalta que os fatores históricos foram preponderantes no desenvolvimento de São Gonçalo e Niterói em relação ao Rio de Janeiro no século XVIII, quando a cidade era o centro de quatro grandes direções. Para o norte, o caminho de Minas Gerais. Para o oeste o caminho de São Paulo. Para o sul, o oceano e finalmente, para leste, partindo para o outro lado da baía, a “estrada geral”, que saía de São Gonçalo, então zona rural, com importantes engenhos de açúcar e aguardente, localizada a 10 quilômetros de Niterói. Posteriormente, no século XIX, o traçado da “estrada geral” foi aproveitado pelas estradas de ferro e de rodagem associadas ao desenvolvimento industrial do Rio de Janeiro, principal impulsionador deste movimento, transformando áreas ao redor da Guanabara, em partícula Praia Grande, Niterói e São Gonçalo, substituindo a paisagem de canaviais pela policultura.

Em um segundo momento, o artigo apresenta o ciclo industrial e o importante papel da indústria para o desenvolvimento e a urbanização da orla oriental da baía de Guanabara. Iniciado a partir de 1930, o progresso urbano e industrial do Rio de Janeiro alcançou áreas circunvizinhas, ligadas a metrópole, como ao norte de Niterói e no município de São Gonçalo. A orla oriental da Guanabara acabou desenvolvendo uma aptidão industrial, atraindo novos empreendimentos favorecidos pelas condições geográficas locais. Capitais de outras partes do país, e também, do estrangeiro foram atraídas pela região.

A queda da exportação de produtos agrícolas, como a laranja, principal produto exportado por esta região durante a segunda Guerra, abaixou a renda territorial e conseqüentemente o preço da terra, desencadeando um impulso contrário, originando loteamentos urbanos que acompanhavam o surto da industrialização.

Com isso, as “cidades dormitório” se ampliaram em torno do Rio de Janeiro. A crise de habitação levou um expressivo número de habitantes para os subúrbios e fluminenses vizinhas. Assim morar em Niterói ou em São Gonçalo passou a ser a opção de moradia dos então trabalhadores, não seria mais distante do que nos bairros afastados do Distrito Federal.

Na terceira parte do artigo, Pedro Geiger aponta as condições geográficas que favoreceram o desenvolvimento da industrialização na região, como a água e o relevo, que favoreceram a implantação de fábricas. O maior rio da região é o Alcântara, formado pela concentração de pequenos rios que descem do bloco



de Niterói, na zona de contato do relevo das colinas com a planície. As estradas de São Gonçalo cortavam o rio, tornando-se atrativas para a implantação de importantes fábricas. Os mercados, matéria-prima, energia elétrica, mão-de-obra, terrenos, comunicações, também são apontados pelo autor como importantes condições geográficas que permitiram o desenvolvimento industrial da região.

Dando continuidade ao artigo, Geiger procura explicar a ocupação interurbana de Niterói e São Gonçalo e assinalando seus condicionantes geográficos. Assim, conforme o autor, a cidade de Niterói, que começou a se desenvolver a partir do seu centro comercial e administrativo, esbarrou a leste com um bloco montanhoso, levando a penetração para os vales e para o sul, ocupando enseadas de praias arenosas, que constituíram os bairros aristocráticos de Icaraí e Saco de São Francisco, por exemplo.

Diferentemente de Niterói, São Gonçalo teve caráter mais suburbano com o comércio de pequeno varejo na praça local ou em alguns trechos das estradas e/ou ruas com dispersões nos seus casarios. Esta ocupação é explicada pelo autor em função dos interesses nos loteamentos das antigas propriedades rurais, que determinaram uma expansão desordenada e rápida, não acompanhada de melhoramentos urbanos.

Nas considerações finais, Geiger não apenas dá ênfase ao papel dos fatores geográficos na explicação do processo de urbanização e industrialização da orla oriental da baía de Guanabara, como também associa economia política e geografia. O autor menciona que os fatores econômicos acrescidos à topografia local foram os principais responsáveis pela paisagem da orla oriental da Guanabara, desenvolvendo-se sob a influência das condições gerais do país, nas vizinhanças de uma grande cidade, o Rio de Janeiro. Aponta também que a inserção da indústria moderna nas áreas rurais possibilitou a urbanização de Niterói e São Gonçalo, crescendo através de pequenas localidades, ainda mal conservadas e cercadas por grandes e pequenas propriedades, de população relativamente numerosa. Outros temas destacados pelo autor que valem menção referem-se à especulação dos proprietários de terras, impactando na dispersão das habitações dos centros urbanos, e então a conturbação de Niterói e São Gonçalo, gerando uma paisagem industrial com traços de transição de paisagem rural para urbana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme anunciando inicialmente, este artigo faz parte de um projeto mais amplo que pretende não apenas reconstituir a memória da ciência geográfica brasileira, como também reforçar e divulgar importantes contribuições ao estudo da geografia do Brasil. Aqui, buscou-se oferecer considerações sobre a vida e obra de



Pedro Pinchas Geiger, dando especial destaque à Revista Brasileira de Geografia, importante fonte de consulta tanto sobre a geografia material do Brasil quanto sobre a ciência geográfica brasileira. Dedicando-se ao estudo do espaço geográfico fluminense, estes artigos apresentam informações sobre a ocupação e urbanização do Rio de Janeiro que ajudam a pensar e entender sua atual configuração territorial e alguns desafios ainda persistentes. Produzido nos anos 50, obras características da primeira fase intelectual do autor, esses estudos oferecem também um rico modo geográfico de análise espacial, no qual uma visão integradora e inovadora, principalmente aquele período se sobressai, a relação dialética entre meio, cultura e economia política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. S. O pensamento geográfico do IBGE no contexto do planejamento estatal brasileiro. In: MARTINS, R. A.; MARTINS L. A. C.; SILVA C. C.; FERREIRA J. M. H. *Filosofia e história da ciência no cone sul: 3º encontro*. Campinas: AFHIC, 2004. pp 410 – 415.

ALMEIDA, R. S. *Regionalização do Estado do Rio de Janeiro: Das regiões dos anos 40 aos arranjos produtivos locais do início do século XXI*. In COELHO, O. FERNANDES, N. História e Geografia Fluminense. Rio de Janeiro: CREA-RJ e IGHRJ, 2008

BIBLIOTECA VIRTUAL DO MEIO AMBIENTE DA BAIXADA FLUMINENSE. Disponível em: <<http://www.bvambientebf.uerj.br/arquivos/regioes.htm>> Acesso em: 15/05/2012.

BERNARDES, N. *A divisão regional do estado do Rio de Janeiro*, Boletim Geográfico, IBGE, v. 7 n. 81, pp. 994 – 1001, 1949.

CAMPOS, Maria da Gloria de Carvalho. *Causas geográficas do desenvolvimento das olarias na Baixada da Guanabara*. Revista Brasileira de Geografia, ano XVII, nº 2. 1955

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC – FGV). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jose_oiticica> Acesso em: 30 de maio de 2012

LAMEGO, Alberto – *O Homem e o Brejo*. Biblioteca Geográfica Brasileira, publicação nº1 da série-A – Livros, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1945.

MACHADO, M. *A Geografia Universitária Carioca e o Campo Científico-Disciplinar da Geografia*. 2002. Doutorado em Geografia (Geografia Humana) (Conceito CAPES 7) . Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

ROCHA, A. S. *(Re)pensando a Baixada Fluminense em um contexto da Região Metropolitana do Rio de Janeiro : Sociedade, Território e Representação*. Revista Geo-Paisagem. Rio de Janeiro, jul.-dez. 2007, ano 6, n. 12. ISSN nº 1677-650X.